

# Cinema, Telenovela e Escravidura

por Marco Vale fotos de Eduardo Ruiz



Roteiro *Mauá*, O Imperador e o Rei, escrito por Sérgio Rezende e Paulo Halm. Cena 8. Rua Direita. Externa. Dia... estamos no ano de 1823, na Rua Direita (hoje conhecida como Rua 1º de Março), principal centro comercial do Brasil daquela época. Muitos produtos eram vendidos nesse local, mas um em particular se destacava, produto este que era a principal base da economia brasileira: escravos.

E é no meio da venda de produtos agrícolas, artigos ingleses e de seres humanos, que desembarca o pequeno Irineu Evangelista de Souza. Esse gauchinho de 9 anos de idade está acompanhado de seu tio Batista. É a primeira vez que Irineu vem para a Capital do Império, cidade em que, anos depois, ele seria conhecido como Barão de Mauá, o maior industrial brasileiro do Séc. XIX.

O dia nasce nublado no Rio de Janeiro do dia 22 de novembro de 1998. São 7 horas da manhã. Na rua 1º de março, uma equipe de mais de 70 pessoas já está pronta para filmar a Cena 8 do filme *Mauá*. O diretor Sérgio Rezende está repassando o roteiro para os dois principais atores desta cena, Ernani Moraes (Batista) e o garoto Thomas Morkos (Irineu). Assistentes de direção e de produção, todos munidos de walk-talkies, vão espalhando mais de uma centena de figurantes pela locação. Como uma boa amostra da sociedade brasileira do século passado, para cada dez figurantes, nove são negros representando escravos.

## “ESTE NÃO É UM FILME DE BANQUINHO E VIOLÃO”

Comenta Sérgio Rezende para um repórter de uma rádio carioca. A equipe de fotografia está neste momento preparando a câmera na grua. “Nós botamos a orquestra para tocar”, continua o diretor do filme “este não é um filme pequeno, ele tem uma equipe

técnica de mais de 100 pessoas, centenas e centenas de figurantes, filmagens no Brasil e na Inglaterra...”

O diretor de fotografia Antônio Luiz Mendes estuda com sua equipe soluções para a maior dificuldade dessa cena: filmar em um lugar onde prédios históricos se misturam com modernos prédios do século XX e com um enorme viaduto a 200 metros dali, uma cena que se passa a mais de 170 anos atrás.

As primeiras tomadas são filmadas. Em apenas duas situações, Antônio Luiz e sua equipe podem filmar planos mais abertos: tomadas filmadas do alto de 10 metros da grua, por enquadrar, de cima para baixo, mais o chão de areia da locação e as tomadas tendo o prédio histórico como fundo. Todos os outros planos têm que ser mais fechados, senão as construções modernas da cidade apareceram na tela.

No cinema a única realidade que existe é aquela que é enquadrada pela câmera. Não importa que a 100 metros de onde foi colocada a câmera existe um moderno prédio de 20 andares. Na tela o público só verá aquele pequeno pedaço do Rio de Janeiro do século passado e imaginará que o resto da cidade está perdida no mesmo passado remoto.

“...o orçamento do filme está previsto em 6 milhões de dólares” responde Sérgio Rezende em um pequeno intervalo das filmagens.

“Mas como um filme com esse custo se paga no Brasil?” continua a perguntar um repórter de TV universitária.

São 11 horas da manhã, mais de 10 equipes de imprensa estão na locação fazendo reportagens sobre as filmagens.

“... eu encaro um filme desse como uma obra de utilidade pública, como um viaduto”, continua Sérgio, a responder para a TV

universitária “Um filme como *Mauá* ou *Guerra de Canudos*, que foi o meu último filme e também teve um orçamento desse nível, tem a importância cultural e histórica de resgatar um passado do Brasil que deve ser sempre lembrado e discutido. É quando um filme desse

Ernani brinca com a criançada, hora “atuando” como Batista, seu personagem no filme, hora como seu Boneca, personagem da novela.

O diretor do filme ainda está ensaiando a cena da morte do escravo. Como é uma cena que envolve muita ação física por parte



passa na televisão, como foi o caso de *Canudos*, com grande audiência de milhões de espectadores, para pessoas que têm pouco acesso a história de seu próprio país, um gasto desse já se justifica.”

#### “QUANDO TERMINAR A NOVELA, O SEU BONECA VAI FICAR COM A BINA?”

Pergunta a sorridente repórter de uma revista de fofocas, enquanto o ator Ernani Moraes espera o pessoal de fotografia resolver um problema técnico.

“Ah, não sei! Isso só o Silvío pode te responder.”

Apesar de fazer um papel secundário no filme, Ernani Moraes está sendo muito assediado pela imprensa. Isso se deve a grande popularidade de seu personagem na novela *Torre de Babel*, escrita por Sílvio de Abreu, que naquela época estava passando na TV Globo.

Voltando ao ano de 1823, o pequeno Irineu está chocado com a brutalidade com que são tratados os escravos a venda. Esses escravos estão presos a pesadas correntes, muitos deles tendo a sua boca tampada por uma fochinheiras de metal. Um desses escravos, mesmo acorrentado, se rebela contra os seus carrascos, mas antes que ele consiga agredi-los, um dos vendedores de escravos o apunhala pelas costas.

Três horas da tarde e os últimos planos com Ernani e Thomas acabam de ser filmados. Toda a equipe de filmagem agora se prepara para filmar a morte do escravo. Como a cena não precisa mais de sua presença, Ernani resolve descansar ao pé de uma paineira ali próxima.

Além de ser um ator muito talentoso, Ernani Moraes possui a simpatia de toda equipe, do diretor ao cameraman. Bastou ele sentar um pouco, que um grupo de 10 crianças, que faziam parte da figuração como escravos, vêm sentar a sua volta. Entre sorrisos e gargalhadas,

dos atores, ela tem que ser muito bem treinada. A mesma ação será depois filmada várias vezes, em diferentes ângulos de câmera.

“Ernani, desculpe estar interrompendo o seu descanso...” sorri nervosa uma jovem repórter de uma emissora de TV UHF “...mas você poderia me dar uma entrevista? São só duas perguntinhas”.

“Tudo bem!” responde Ernani “Mas só faço essa entrevista aqui onde estou! No meio de todos esses pestinhas.” e faz uma cócega no umbigo da pequena Keila, que dá uma gostosa gargalhada. O cameraman que acompanha a repórter liga o seu aparelho, enquanto ela dá um microfone sem fio para o Ernani segurar.

#### “CAMERAAA... AÇÃO!”

Grita Sérgio Rezende para a filmagem da primeira tomada da morte do escravo.

“Bem, Ernani. Eu queria saber...”

“Pára, pára, pára!” interrompe o cameraman de TV.

“O que foi agora?” pergunta a repórter agressiva.

“A luzinha da bateria está piscando, eu tenho que pegar uma nova no carro.”

O cameraman corre em busca da bateria, enquanto a repórter pede desculpas pelo erro de seu colega. Ela está nervosa, afinal esta é a sua primeira reportagem em uma emissora profissional. Ernani está nem um pouco preocupado com a espera, afinal ele e os seus 10 amiguinhos encontraram no microfone sem fio um novo brinquedo. As crianças deliraram com a brincadeira, cada uma se imaginando como um grande artista de TV, enquanto Ernani finge ser um repórter.

Mas no meio de toda aquela algazarra, uma criança está quieta no seu canto. É João Paulo, de 8 anos, que observa intrigado a

cena da morte do escravo. Essa cena está sendo repetida várias vezes a poucos metros das crianças. Ele sabe que aquilo é um filme que está sendo rodado, a sua mãe explicou como os filmes eram feitos, mas ele não consegue entender porque aquele personagem

de compradores de escravos. Mas antes que ele consiga atacar alguém, um dos vendedores apunhalada as suas costas. O escravo cai no chão já sem vida, com o seu incompreensível grito silenciado.

“...aí eles matavam eles e aí...”



eram tão cruelmente maltratado.

“...então Keila, você que é uma grande artista de cinema, que papel você interpreta neste filme?” pergunta Ernani rindo.

A Keila, de 7 anos, não sabe responder. Ernani fica surpreso, mas tenta disfarçar com um sorriso.

“E o resto do pessoal sabe que personagens vocês interpretam?” continua o ator.

As risadas da criança começam a se escassear. A repórter, mais preocupada com a demora do seu cameraman, não presta muita atenção a conversa.

“Vocês sabem o que era ser escravo no Brasil?”

Nenhuma criança, todas negras, sabem responder. Elas estão constrangidas com o seu próprio silêncio. Até que o pequeno João Paulo se levanta e fala com toda firmeza:

“Eu sei o que é isso!”

“Então conta pra gente como era.” diz Ernani abrindo um largo sorriso. João Paulo olha mais uma vez para a cena que estava sendo filmada, onde um escravo se recusa a se juntar aos outros que estão amontoados e acorrentados como animais.

“Eles prendiam os escravos...”

Os vendedores de escravos, irritados com a rebeldia de sua “mercadoria” começam a chicoteá-lo impiedosamente.

“...aí eles batiam neles...”

Os vendedores conseguem render o escravo e o jogam no chão.

“...aí eles jogavam os escravos na areia..”

O escravo dá uma cambalhota na areia, mas consegue ficar de novo em pé. Ele levanta os seus braços acorrentados, soltando um furioso grito em sua língua africana, e corre em direção de um grupo

“Cortou” grita Sérgio Rezende “Já podemos passar para a próxima cena”. O figurante que tinha acabado de ser “morto” se levanta, tira as correntes que estavam nos seus pulsos e se junta aos outros figurantes.

“...e aí, aí, aí...” João Paulo já não consegue mais contar a sua história.

“Mas vocês acham que a escravatura continua no Brasil?” Ernani continua a perguntar.

As crianças excitam antes de responder, até que: “Eu acho que continua!” responde Paulinho. “Eu também acho!” concorda Keila. “Eu também!” responde um outro, até que no embalo quase todos começam a concordar. “Quase” porque Osmar, um pequeno figurante de 7 anos, não concorda com essa resposta. Ele, que não soube responder nenhuma das perguntas anteriores, tinha uma resposta pelo menos para essa última: “Vocês tão todos errados, porque a princesa Isabel assinou a Lei Áurea!”

O cameraman está de volta com a nova bateria. Mais tranquila, a repórter começa a sua entrevista com Ernani Moraes:

“Ernani, você pode dizer para nosso telespectadores se o seu Boneca vai se casar com a Bina no final da novela?”

CORTA!

